



**MEMORIAIS**

Memoriais: ficções inspiradas em  
memórias reais /  
organizado por Marcella Gaioto - Cuiabá:  
Extensão IL, 2021.

5. ; 14X21cm

1. Escrita criativa 2. Contos

I. Gaioto, Marcella

# SUMÁRIO

DENTRO OU FORA  
DA MASMORRA?  
ESTOU NO ESCURO

3

AS AVENTURAS  
DE JOANA NO  
MUNDO PRETO  
DA CIÊNCIA

PALÁCIO MENTAL  
E A MEMÓRIA  
PERDIDA

6

12

MEMÓRIAS

17

FOME É UMA DOR  
QUE NÃO TEM  
CURA

9

# dentro ou fora da masmora? estou no escuro

EDA PEREIRA



Cheguei às 8 horas de segunda-feira pensando na experiência humana restrita ao mínimo, quase insuportável, um fio de vida para uma gota de sanidade.

Estudava muito ao mesmo tempo que conduzia iniciativas para o bem estar do próximo. Observava os seres invisíveis em diferentes imputabilidades, para fortes e para fracos. Penas duras e penas endurecidas. E pensava que a justiça deveria ocorrer sempre!

Já conhecia aquele espaço desprovido de beleza e alegria, um lugar de sobrevivência num clima de cinza intenso. Um sistema de ventilação que jamais lembraria o frescor da roça na infância ou da praça na juventude.

Eram muitas lembranças.

Passei por todo o protocolo, a segurança, de empresa terceirizada, abre o portão do outro lado, onde passam os carros. As visitas passam por uma porta menor. Ela pede meu documento e liga para alguém para confirmar minha entrada.

Entro na guarita para passar na máquina de scanner, a “caixa nobreak”, como é chamada, e vejo a esteira por onde passam objetos que são colocados em sacos plásticos transparentes, depois de abertas todas as embalagens pelas guardas. Recebi uma chave, coloquei meus pertences, minha bolsa e meu celular e entrei na grande sala de visitas.

Nas paredes, muitos comunicados e memorandos oficiais sobre os procedimentos de visitação. Percebi as proibições específicas para mulheres sobre os trajés. Entre as pessoas da sala observo que 99% são mulheres.

Alcanço uma grande câmara escura onde é preciso olhar fixamente para a lente do scanner mantendo braços afastados e pernas abertas também. Já sinto que sou fichada. Eu não tinha noção que estava sendo vigiada até aquele momento.

Estamos de frente para uma área aberta e já posso ver algumas pessoas com roupa verde clara que trabalham e andam livremente, mas seus corpos domesticados parecem arqueados.

Há um homem andando no muro, fazendo a vigilância, ali está o “panóptico”, mas de onde vejo, ele faz uma vigilância por blocos quadrados. Depois descobri que homens deste “modelo” são chamados de muralha.

Só depois que passo pelo scanner as avisto. Elas entram em fileira e assim permanecem mesmo na sala, de cabeça abaixada, mãos para trás, mas sem as algemas.

Apresentei-me como fotógrafa (os registros seriam em fotografias) e estudante de direito, o que bastou para que ao final estivessem coladas nas grades pedindo para olhar o processo de cada uma delas.

A prisão é uma grande prática de contagem. Corpos tornam-se números, o que permite substituir a humanidade contida nos nomes pessoais pela impessoalidade dos números. Os artigos judiciais que as colocaram neste espaço, o tempo que já foi cumprido, os meses e dias que faltavam de suas sentenças e, em algumas situações, quantas vezes estiveram presas. Todos números determinantes e que agora fazem parte das suas identidades.

No primeiro corredor central da administração à esquerda encontrava-se a chefia de plantão. Nesse setor era controlada a movimentação de pessoas entre o prédio administrativo e os pavilhões.

Entre dois grandes portões de ferro, um pequeno espaço de circulação denominado de “acesso”, um canal estreito, ponto de fortes tensões. Para este ponto afluíam as queixas, as solicitações, as mágoas e as revoltas. O ponto final que marcava a divisão entre o mundo externo e o mundo das pessoas internas.

Naquele dia, poucas agentes de segurança compunham o grupo de vigilância responsável pelo controle da circulação, inclusive de meu acesso.

Para chegar à sala a mim destinada, tive de atravessar algumas portas de segurança a partir do ponto nevrálgico, o “acesso”. Vi umas seis mulheres diferentes, alvoroçadas no corredor de entrada, canal aberto entre o dentro e o fora, cada uma parecia ter uma urgência diferente. Algumas falavam o tempo todo coisas indecifráveis, outras andavam aceleradamente de um lado para outro num espaço em que não cabia ninguém, trombavam entre si e reclamavam. Uma situação que se esticava rapidamente causando rigidez, apreensão e a iminência de uma situação desastrosa.

Eu deveria me encontrar com as pessoas que tinha agendado e toda aquela confusão estava me irritando muito. Querendo resolver meu problema e facilitar para as

funcionárias, sem pensar nos riscos, perguntei se poderia descer sozinha. A agente me olhou surpresa e, talvez, querendo se livrar de mais uma ocupação ou querendo me caçoar, disse que se eu não via problemas, poderia ir. O que sucedeu a esse acordo jamais esquecerei.

Momentaneamente paralisada com a autorização, sem coragem de voltar atrás, me entregou o molho de chaves e passou as orientações, como deveria fechar o portão depois de passar, que não abrisse para ninguém de dentro e, eu, meio atônita, apenas ouvi.

Terminadas as recomendações, a agente deixou-me onde estava e foi resolver outros problemas. Nunca tinha ficado com as chaves da cadeia nas mãos.

A momentânea identificação com a função se revelou improdutiva. Na frente da primeira entrada, já tinha me esquecido qual era a chave correta para abri-la. Estava trancada num espaço desconhecido.

Fui até a sala e fiquei aguardando algo que indicasse a presença de alguma das pessoas com as quais conversaria.

Veio a primeira, a segunda e, uma após outra, repeti o mesmo ritual: subia a escada, abria o portão, despedia-me, trocava olhares com as outras mulheres que estavam na galeria e, rapidamente, fechava o portão.

Em torno de quatro horas desempenhei a tripla atividade e ao final, tive de fazer o caminho de volta ao mundo exterior.

Eram duas da tarde quando atravessei a galeria e cheguei ao portal que permitiria acesso ao setor administrativo. A galeria, lugar de intensa movimentação cotidiana, estava relativamente vazia. Poucas pessoas estavam próximas do local de acesso e me olhavam com certa curiosidade.

Chegando ao portão fechado bati algumas vezes, em vão. Estranho não obter resposta para algo tão normal, mas lá nem tudo é o que parece. Ninguém o abria para me livrar daquela situação insólita.

Com o suor brotando em todos os poros, os olhos turvando, as pernas em espasmos continuados e a cabeça fervilhando pareceu uma eternidade aqueles minutos em que permaneci ali parada e constrangida. Minha situação chamava a atenção das pessoas e eu não sabia por quê.

Bati mais algumas vezes até alguém se aproximar e dizer que daquele jeito ninguém iria abrir. Usando uma caneta que tinha na mão arranhou a grade da pequena janelinha de observação que existia no alto produzindo um forte ruído.

Surpreendentemente, a agente abriu a janelinha e pergunto-me o que eu queria ao que prontamente respondi:

- Entrar!

Novamente surpresa ouvi a pergunta sobre quem eu era e respondi que era a psicóloga. Caiu sobre mim um olhar desconfiado quando alguém ao fundo veio em meu socorro confirmando que era a psicóloga mesmo.

Experimentei a dor de dentro, a dor de números, a dor de apelidos desqualificativos, pessoas inomináveis, sem identidade reconhecida, mais uma pessoa na multidão que transita invisível em sua singularidade.

Do lado de dentro eu era somente mais um rosto, espiando na janelinha do portão, pedindo para entrar. Forte emoção fez parecer, mesmo que por um breve instante, uma pessoa privada de liberdade, um rosto em meio a tantos outros, alguém, como tantas outras, pedindo qualquer coisa, ou mesmo zombando ao dizer que era psicóloga.

Do lado de fora estava identificada a minha singularidade, fui percebida como alguém que não pertencia ao grupo, mas que, estranhamente, desconhecia o gesto que levaria à abertura do portão. Sem se deter nos porquês de meu comportamento estranho, aquela mulher veio em minha direção e me ajudou. Ao revelar-me a senha de acesso, consegui encontrar o caminho de volta.

# memória de uma mulher negra na Ciência ou As aventuras de Joana no mundo preto da Ciência

JOSANE CUNHA



Joana, é uma adolescente que gosta muito de estudar e sempre teve uma atração pelos desenhos e séries relacionada aos cientistas, maratonava todas e já tinha a certeza de qual seria sua profissão. Ela está muito ansiosa, pois na próxima semana inicia suas aulas do 1º ano do ensino médio, e não vê a hora de participar das aulas de Química.

Eis que chega o grande dia, e para sua alegria a primeira aula é de... Química com a professora Luciane. Ela inicia fazendo perguntas aos estudantes sobre o gosto pela ciência e se eles sabem o porquê é importante estudá-la. Joana, obviamente responde todos os questionamentos e a professora logo percebe o seu interesse pela disciplina e a elogia. Em seguida, a professora faz uma breve contextualização sobre a química presente no cotidiano e finaliza dizendo que na próxima aula vão conhecer os principais cientistas dessa área, Joana fica empolgada, pois quer saber mais sobre as mulheres na ciência.

Ao chegar em casa, conta para sua mãe como foi a aula e depois do almoço corre para o computador, e vai pesquisar sobre os cientistas da química. Depois de muito tempo pesquisando verifica que a maioria dos vídeos mostravam cientistas homens e brancos, ela fica intrigada com isso e pensa: Será que a Química é branca e masculina? Neste momento ela olha o seu reflexo no espelho e fica um pouco triste.

Os dias passam e chega a próxima aula de química, a professora Luciane começa falando sobre os cientistas e cita vários homens e apenas uma mulher, Marie Curie! A professora percebe que Joana está prestando atenção, mas não parece empolgada e com os olhos brilhando como na aula anterior, e então perguntou: Joana, e aí o que achou dos cientistas, gostou de conhecer um pouco sobre a história deles? Ela respondeu que sim, e que eram os mesmos cientistas que tinha pesquisado no youtube, e então perguntou à professora: A Química é branca e masculina? A professora fica surpresa com o questionamento, pois durante os 10 anos lecionando ninguém nunca tinha feito esse tipo de pergunta e nem mesmo ela tinha parado para pensar nisso. Em seguida questiona Joana “por que você me pergunta isso?” “Uai, professora, porque nos exemplos que a senhora falou e na pesquisa que eu fiz, se percebe que a grande maioria traz apenas os cientistas homens e brancos. Será que não existe cientistas negros ou negras? Será que não vou poder ser cientista?”. A professora responde: “Quantas perguntas Joana, lógico que você vai poder ser uma cientista, uma grande cientista por sinal. Vamos fazer o seguinte, vocês vão fazer uma ampla pesquisa sobre os cientistas homens e mulheres negros e negras para apresentar na próxima aula, ok?!”

Joana, volta para casa e começa a pesquisar novamente e eis que encontra um site falando de uma cientista negra chamada Marie Maynard e fica muito feliz com sua história. Cansada, acaba dormindo e sonhando que estava em um lugar pequeno e rústico com uma bancada de cimento, alguns equipamentos de destilação simples, e umas vidrarias como tubo de ensaio coloridos, becker, entre outros. Além disso, tinham um armário com vários livros, e no canto estava sentada uma mulher negra com seu jaleco branco como a nuvem, que logo percebeu a presença de Joana e perguntou: “Quem é você garota?” E, Joana com olhos esbugalhados responde: “Eu? Sou a Joana, e a senhora quem é?” A mulher responde: “Sou Marie Maynard” “Uau, a cientista?” “Sim, eu mesma”. “Não posso acreditar que estou conversando com uma cientista do século passado, que maravilhosa! Me conta sobre a senhora, quero conhecê-la mais, pois também quero ser cientista e agora sei que posso”. Marie responde: “Certo, sente-se que vou te contar tudo nos mínimos detalhes”.

O dia amanhece e Joana acorda com sua mãe te chamando, ela levanta correndo e diz que teve um sonho incrível e parecia tão real. Se arruma toma o café da manhã e vai para a escola. A aula de Química inicia com as apresentações e Joana toda empolgada começa a contar toda a história de Marie Maynard, uma química negra nascida em 1921 nos Estados Unidos.

Marie desde sua infância se encantou pelo mundo da ciência influenciada pelo seu pai, um imigrante indiano que foi para os EUA estudar, porém devido a falta de recursos financeiros e as dificuldades vivenciadas naquele período não conseguiu terminar o curso de Química. No entanto, trabalhou intensamente para que a filha pudesse concluir em 1942 o bacharelado em Química no Queens College em Nova York. Seus pais ficaram imensamente orgulhosos pela grandiosa conquista de Marie, afinal ela foi a primeira negra da família a concluir o ensino superior com excelência. Naquela época isso não era comum e ainda mais na área da Ciência Química.

Marie não parou por aí, foi trabalhar em laboratório para se sustentar e ingressou no mestrado e posteriormente no doutorado. Se tornou a primeira mulher afrodescendente a conquistar em 1947 o título de doutora em Química nos EUA. Foi uma grande professora e pesquisadora nas universidades. Recebeu uma bolsa para continuar seus estudos em um pós-doutorado e se destacou no mundo científico com pesquisas inovadoras relacionadas a digestão, núcleo celular, colesterol alto e as artérias entupidadas, o que auxiliou na compreensão do ataque cardíaco. Foi uma pioneira nesse estudo.

Essa professora e pesquisadora se destacou e contribuiu para o avanço da Ciência, participou de eventos importantes e restritos naquele período. Defendeu a participação das pessoas minoritárias, mulheres negras na área de STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática). E, ainda apoiou financeiramente essas pessoas com bolsas de estudo em homenagem ao seu pai. Após, sua aposentadoria se dedicou a seu hobby preferido, cuidar das flores e em 2003 repousou eternamente. Essa grandiosa mulher foi um ícone que superou vários obstáculos de gênero e raça e conquistou espaço importante na educação científica.

Joana com olhos brilhantes finaliza a sua apresentação com fortes aplausos dos seus colegas e da professora, que estavam fascinados com os detalhes das informações sobre a cientista. A professora Luciene elogia e comenta: Nossa, Joana até parece que você conversou diretamente com a cientista de tão rica que foi a sua apresentação. E ela responde com um sorriso: Tudo é possível no mundo do sonho e da imaginação. Luciane, fica muito feliz com o trabalho realizado por Joana e a convida para apresentar aos demais estudantes da escola, pois percebe a importância de trabalhar essa temática e fazer a divulgação. Afirma ainda que, essa foi uma grande lição e que a partir de então nas suas aulas sempre vai abordar os cientistas negros e negras.

Joana, mais do que nunca está decidida a ser uma grande cientista da área de Química e a história de Marie Maynard mostrou que sim, é possível uma jovem como ela ser uma cientista, ou qualquer outra profissão que desejar, pois somos iguais e devemos lutar pelos nossos direitos, apesar dos obstáculos e desafios. Ela continua seus estudos e cria um perfil no Instagram para divulgar a história dos cientistas negros e negras de modo a incentivar outras estudantes, que assim como ela deseja atuar nessa área.

# a fome é uma dor que não tem cura

LUCIA SOLANGE



Era um dia gelado e nublado, o mais longo que Daniel viveu, o vento até parecia cantarolar e garoava um pouco lá fora. Ele e seus cinco irmãos menores estavam sozinhos em sua casa coberta de lona. Ela possuía as paredes feita de palha entrelaçadas a umas ripas de madeira e o barro batido servia de alicerce. Lá dentro, umas palhas cobertas por papelão, eram usadas para dormir, um pequeno fogão a lenha era o meio para cozinhar refeições, mais duas caixas de papelão, uma para guardar os poucos utensílios domésticos e a outra para as poucas roupas e um único cobertor. Do lado de fora, um recipiente de plástico colocado em cima de uma cadeira velha era utilizado como lavatório dos utensílios e também para o banho das crianças, isso elas faziam quando algum vizinho lhes levava água, dessa mesma água Daniel separava um pouco para beber.

Nesse dia, o sol não raiou ao amanhecer, mas como de costume a irmãzinha de apenas um ano chorou ao acordar, estava com fome. O mingau de fubá quase não a sustentava. Os outros quatro um a um perguntavam se iriam comer de manhã ou só no almoço. Daniel olhou bem no fundo de seus olhos tristes e cheios de lágrimas e lhes respondeu:

- Não sei, mamãe não voltou ainda e o fubá acabou.

Naquela manhã, Daniel fez de tudo para entreter seus irmãos, ele era perito em diversão. Ele amarrou uma fita vermelha na cabeça e um lençol velho nas costas, fazendo de conta que era um super herói e corria imaginando que estava voando. Daniel também fantasiou seus irmãos e deu um nome diferente para cada um. No momento das brincadeiras ele mudou a voz e imitou o He-Man, seus irmãos caíram na risada, brincaram de pega-pega, esconde-esconde, amarelinha, até lhes contou uma história que ouviu na escola, no primeiro e único dia que ali esteve. Ao contar a história Daniel o fez como se ele e seus irmão fizessem parte dela, cada um representou um personagem, as crianças expressaram no sorriso o amor que sentiam por Daniel. Brincaram muito sem fazer barulho, a irmãzinha, por estar anêmica passava a maior parte do dia dormindo, e quando acordava chorava muito.

No horário em que a maioria das pessoas costumam almoçar, seus irmãos também pediram comida e diziam que estavam com a barriga doendo. Daniel sabia muito bem como descrever essa dor, muitas vezes ele passava até dois dias sem comer para não faltar fubá para seus irmãos. Nesse momento, a menininha acordou e chorava muito. Daniel tentou de todas as formas acalmá-la e não conseguiu. Ele sabia que apenas o alimento cura a dor da fome. Sem saber o que fazer, correu até o vizinho mais próximo e pediu um pouco de leite ou qualquer tipo de comida, este lhe respondeu:

- Não tenho - e fechou-lhe a porta.

Seguiu caminhando pelas ruas daquele miserável lugar, batendo nas portas de mais alguns vizinhos e nenhum deles acudiu o pobre menino.

De volta para casa, caminhando de cabeça baixa, não sabia o que fazer. Pensou em procurar a mãe, porém não sabia nem por onde começar. Pelos seus cálculos já havia passado duas semanas e nada da mãe aparecer. Muitos pensamentos vinham a sua mente, não entendia os motivos pelos quais ela passava tantos dias fora de casa, era apenas um menino e amava sua mãe. Ao chegar em casa, os quatros meninos de tanto chorar dormiam e a pequena menina brincava com as mãozinhas. Ele sabia que logo iriam acordar e chorar novamente, a fome dói e como dói. Pelas flechas das paredes Daniel avistou as sirenes de um carro policial e saiu correndo, acenando com as mãos e gritando, pedindo para o policial parar. Mesmo sem forças, o alcançou. O policial saiu do carro e Daniel não conseguia falar, um nó de choro estava em sua garganta. Então, o policial o tomou pelas mãos e seguiram para a casa.

Ainda faltavam alguns metros para chegarem e já se ouviam o choro das outras crianças. O policial entrou e Daniel contou-lhe sobre a vida miserável que vivia com seus irmãos, por causa da ausência da mãe, explicou-lhe que não conhecia seu pai e a mãe não tinha um trabalho fixo, relatou ainda que quando a mãe estava em casa sempre pedia para que cuidasse dos irmãos e não saísse para nada, pois ela retornaria trazendo alimentos. A verdade é que nos últimos meses, além de passar a maior parte do tempo fora de casa, ela só trazia fubá. Naquele momento faziam dois dias que não comiam, apenas a menina comeu um ralo mingau naquela manhã. O policial ficou compadecido, colocou-os um a um no carro, e antes de levá-los para a delegacia, passou em um restaurante para alimentá-los.

Na delegacia o policial registrou o boletim de ocorrência e pediu para que Daniel também fosse ouvido. Do outro lado do balcão alguém disse:

- Eles são irmãos, não podemos separá-los.

Era o fim da tarde e à noite começava. Daniel estava aflito em saber que ele e seus irmãos poderiam ser separados. Não imaginava sua vida longe dos pequenos, o sono fugiu de seus olhos e ficou a noite toda lembrando das brincadeiras, do simples alimento que preparava para eles, do banho que de vez quando tomavam. Apesar de todo o sofrimento Daniel era feliz com os irmãos. Ele sabia que nada neste mundo era capaz de separá-los, além da dor da fome e quanto a isso não podia fazer nada. Afinal, ele era apenas um menino de oito anos que sabia o quanto a fome dói, e iria continuar doendo mesmo que, em algum lugar, estivesse alimentado.

# o palácio mental e a memória perdida

DANIELA PAES DE BARROS



No salão parcamente mobiliado e ricamente decorado, Carmem acordou sentada numa poltrona de madeira escura, com o tecido desgastado, embora imponente pelo tamanho e a madeira escura talhada nos braços, pernas e no entorno da cabeceira. A luminosidade que entrava pelos seis janelões contornados por cortinas verdes-musgo não deixava dúvida, estava num palacete. Olhando para a porta dupla de entrada com enfeitados puxadores bronzes, ela se levantou. Tudo era estranhamente familiar. Virou-se e viu as escadas, uma de cada lado de um grande espelho de moldura dourada. Deu uma volta completa, observando atentamente, enfim identificou: meu palácio mental!

Como é possível, meu Deus. Pensou, ou melhor, falou. Naquele lugar o pensamento não ficava contido, ressoava e criava. Ao reconhecer as cortinas de “E o vento levou”, instantaneamente as franjas louras apareceram nas bordas do veludo, agora já preso à parede pelos cordões iguais aos do filme. Tocou nos pingentes, as rodelaas que prendiam os fios sedosos entrelaçados formando uma grossa franja dourada, e confirmou: são de madeira mesmo. Inacreditável. É um sonho maravilhoso. Perto da janela percebeu na paisagem verde que estava no alto de uma colina, longe de qualquer civilização. Não cogitou abrir a porta, estava mais curiosa com o interior, e percorreu novamente o salão. Parou diante do espelho. Não se recordava dele. No entanto, encaixava-se facilmente na sua concepção de um móvel digno de seu palacete. Talvez nem tudo ali fosse fruto de uma recordação, sua imaginação também podia se fazer presente.

Carmem viu-se refletida. Os cabelos grisalhos, curtos, cuidadosamente penteados, sem nenhum fiozinho fora do lugar. Os sapatos caramelos, baixos, fechados e limpos. Usava sua calça jeans escura e reta, sem manchas ou rasgados. A camisa listrada azul de algodão, acinturada, não justa, mangas três quartos, com o colarinho bem passado e firme como só as roupas meticulosamente engomadas permitem ser. Nada como um espelho de cristal para um reflexo sem distorção, estava até mais magra, mas... espera aí... esses são... Tocou os brincos de pérola nas orelhas. Eram seus favoritos. Perdera-os há mais de uma década. Aproximando-se, notou seu rosto, a maquiagem reduzida a uma base, que também é protetor solar, sem nenhum sinal de batom ou cor alguma nas bochechas, tudo a ressaltar suas sobrancelhas inquietas, ainda grossas, com algumas falhas, em perfeita sintonia com os olhos aguçados de uma historiadora que, graças à cirurgia feita pelo ex-marido oftalmologista, não precisa mais usar óculos. Sorriu. Nada de diferente do que via todos os dias.

É isso aí, uma visita ao meu palácio mental. Bateu palmas e deu meia volta. Decidiu começá-la pelo piso superior. Subiu a escadaria aproveitando cada degrau para ver de um novo ângulo o salão, sem deixar de deslizar a mão sobre o liso e encorpado corrimão, qual a uma onda de marfim, que conferia uma forma abaulada à escada. Chegando no topo, viu o corredor de cerca de dois metros de largura. Ele se estendia para os dois sentidos e, ao final de cada um, havia um janelão por onde entrava a luz e circulava uma corrente de ar.

Reparou na porta aberta à esquerda da escada. Nem precisou entrar no quarto para reconhecer sua biblioteca. A luminosidade era intensa e, à exceção da parede à frente, com as duas janelas abertas, todas as demais tinham estantes que se estendiam do chão ao teto, aparentemente repleta de livros. Entre elas, pequenas faixas de parede eram cobertas por gravuras, quadros, mapas, certificados, diplomas, homenagens que ninguém nunca receberia: “À Carmem, melhor professora de história do mundo”. No centro do quarto, uma escrivaninha. Sobre a qual repousavam mais livros, uns inclusive embrulhados, papéis avulsos, cadernos com anotações. Um recado num post-it rosa escrito pela secretária da faculdade desgrudou de um abajur de metal e pousou na beira da mesa. Nele Carmem leu: “José Maria da Silva ligou”. Quem será essa pessoa?

Descartou o bilhete e andou pelo cômodo. Realmente, eu estudei muito nessa vida e, pelo visto, vou continuar estudando. Não quero ficar por mais do que alguns minutos nesse quarto. Algo me diz que é o mais visitado. Abriu uma gaveta e dela saltaram provas. Não à toa nunca esqueceu o nome de nenhum aluno. Fechou novamente. Não preciso lembrar de trabalho agora. Ao sair do quarto, chamou sua atenção a porta semiaberta ao lado. Empurrou-a e viu o viveiro. Radiante entrou, já sabia, suas orquídeas estavam ali. Ficou um bom tempo apreciando as espécies já cultivadas e até as que ainda sonha em cultivar. Saiu de lá deixando essa porta escancarada.

Olhando pelo corredor, notou ao todo dez portas, cinco para cada lado. Entendeu que sua mente organizada teria pensando numa forma lógica de distribuir suas recordações e achou por bem continuar seguindo aquela sequência. Partiu para a terceira porta à esquerda. Ela não estava aberta, embora destrancada. Entrou. Era o quarto de casal de seu antigo apartamento, onde viveu com seu ex-marido logo que se casaram.

As janelas fechadas e as cortinas dificultavam a entrada da luz natural, mas nada que atrapalhasse a visão das fotos da filha pequena junto ao casal tão novo por todo canto. Tantas recordações felizes emocionaram Carmem, que manteve o quarto fechado ao sair.

Chegado ao final do corredor antes de dar meia volta, avistou pelo janelão a coisa mais estranha, um céu claro e ensolarado do lado esquerdo e outro escuro e nublado do lado direito. Isso aguçou sua vontade de abrir logo a próxima porta. Ela estava destrancada. Olhou para dentro do quarto e teve dificuldade de enxergar. A penumbra tomava conta do ambiente. Temerosa, deu mais um passo em direção ao interior e correu os olhos por todos lados. Observou as duas janelas, através das quais podia ver que era noite daquele lado do palácio. O quarto era frio e nele ressoava o assovio da ventania castigando as janelas. Acostumando-se com a escuridão, começou a discernir alguns móveis. Deteve-se numa pequena cama encostada na parede com um bichinho de pelúcia sobre ela. Lembrou. Meu quarto de criança. Entrando, compreendeu que várias partes da casa onde morou com os pais estavam ali. Desacostumara-se a lembrar ou pensar a respeito de sua infância pobre. Meu Deus, era tão pouca coisa que a gente tinha, tudo tão simples, remendado, quebrado, gasto. Nenhuma foto, nenhum enfeite. Tem este ursinho, na verdade. Pegou-o. Viu que ele estava vestido com uma roupinha frouxa, provavelmente a camisetinha de algum bebê, com um bordado delicado na altura do peito, parecido com uma coroa de folhas, com duas letras no meio: MJ.

Saiu dali com o coração apertado. Apreensiva tentou abrir a porta à esquerda. Estava trancada. Aquilo deixou-a inquieta. Não pode haver um lugar no meu palácio mental que eu não possa entrar. Este sonho está ficando muito esquisito. Está na hora de acordar. Um beliscão, um pulo, nada. Como eu saio daqui? Pela frente, claro. Desceu correndo as escadas, escancarou as duas folhas da porta de entrada, apertou os olhos diante do sol radiante que brilhava no alto do céu, sentiu o vento entrando junto com o calor. Foi abrindo os olhos com cuidado, acostumando-os com toda aquela claridade, mas não acordou. E agora? A saída pode estar no quarto trancado. Subiu novamente, forçou a fechadura, em vão.

Agora sim estava nervosa. Coração disparado. Estou fora de forma até no meu sonho. Ponha a cabeça no lugar, Carmem. Sacolejou-se. Não tem como ficar presa aqui, uma hora você vai acordar, então faça o que precisa fazer, termine essa inspeção. Com a determinação e disciplina características, seguiu pelo corredor para o lado direito das escadas. Decidiu por manter-se abrindo as portas à direita, porquanto já tinha entendido que estas eram voltadas à frente do palácio, onde um dia ensolarado reinava sobre suas melhores recordações, enquanto do outro lado os quartos apontavam para uma noite fria e, sabe-se lá, o que se esconde neles.

Abriu a primeira porta e... quarto vazio. Ué, pode?! Escancarou-a e reparou apenas um envelope no chão no centro do cômodo. Foi até ele. Não precisou pegá-lo, pelo emblema lembrou na hora da ultrassonografia da filha. Ela está grávida de seu primeiro neto. Realmente faz todo sentido que ele, ou ela, tenha um quarto inteiro de recordações. Saiu de lá esperançosa, seu palácio mental era mesmo surpreendente.

Encaminhou-se à segunda porta animada. Abriu-a e constatou: As melhores memórias estão deste lado, tem mais quartos para cá do que para lá. Dessa vez deparou-se com uma capela. Sempre fora religiosa, era o que tinha em comum com sua mãe. Não por coincidência, muitas recordações daquela por todo canto. Numa espécie de altar estavam as fotos que tirou dela, em vários momentos da vida, postas ao lado de suas santas preferidas. Na antiga caixa materna encapada pela própria com chita, estavam seus documentos e receitas. A letra grande desenhada numa escrita cuidadosa e pensada. Olhando a envelhecida certidão de casamento da mãe, lembrou-se de seu sobrenome de solteira: Silva. Como era o costume da época, ela o perdera ao se casar e não o passou adiante, pois sua filha carregaria apenas o nome de família do pai. Quis rezar. Viu as quatro velas que a mãe costuma acender em vida: duas para os pais, uma para o marido e outra para a filha. Achava que a mãe se preocupava demais com ela, porque as velas são acesas para os mortos, enfermos ou pessoas muito necessitadas da graça divina. De qualquer modo, acendeu-as. A quarta vela agora é da senhora, mãe.

Leve, dirigiu-se à terceira porta. Que bagunça! Será o quarto das tranqueiras? Olhou melhor, reconheceu a calça boca-de-sino sobre um sofá escondido numa montanha de roupas, discos, fitas cassetes. Ah não! Entrou. Eram suas recordações de quando veio com a mãe para a cidade trabalhar e estudar. Aquele momento da sua vida foi tão cheio de coisas, amigos, experiências, só podia ser entulhado. Não se demorou ali, logo começou a espirrar. Fechou a porta. Novamente no fim do corredor, deu-se com a visão dos céus divididos se encontrando no meio como as águas do Rio Negro e Solimões. Notou, contudo, fora do palácio, um labirinto com um chafariz no centro. Interessante.

Rumou-se aos dois últimos quartos, virados para a noite. Respirou profundamente antes de abrir a porta à frente, o que fez bem devagar. Tão logo identificou o que viu, fechou. Não vou entrar aí, não sou obrigada. Seu corpo tremia. Uma vertigem exigiu que se apoiasse na parede. Suava frio. Sem chance de eu desmaiar no sonho, isso é ridículo, respira, respira. Repetia enquanto puxava o ar profundamente pelas narinas, soltando-o pela boca. Recuperada, abriu novamente a porta. Era aquilo mesmo, um caixão bem no meio do cômodo. Previu-se, certificando-se de encostar a porta na parede, por medo de ela se fechar enquanto estivesse dentro do quarto. Entrou e lentamente foi se aproximando. Conforme caminhava, conseguiu perceber que o quarto se assemelhava a uma sala bastante humilde. Reconheceu as paredes de adobe e o chão de terra batida. Enfim, ao enxergar dentro da caixa fúnebre, não havia um corpo, ainda bem, mas sim um chapéu de vaqueiro e outras poucas coisas, as quais compreendeu serem de seu pai. Entre elas uma fotopintura rasgada. Na parte que sobrou da figura era possível ver os jovens rostos, lado a lado, da mãe e do pai. Ele sempre a assustou, não havia de ser diferente agora. Morreu quando ela era criança e dele se lembra pouco, sobretudo, lembra-se de seu velório. Tá explicado.

O último quarto. Mais uma respiração profunda e coragem. Abriu a porta e viu as malas no chão perto de caixas fechadas. Estava escuro, mas os relâmpagos através das janelas iluminavam os contornos. Vai chover desse lado da casa. Ela entrou no quarto, menos assustada do que no anterior. Não tem um interruptor de energia nesse lugar? Foi então que identificou, ali sobre a mudança, o porta-retratos quebrado. Nele a foto tirada no baile de formatura do ex-marido, quando ainda eram casados, todos vestindo trajes de gala, inclusive a filhinha a tiracolo. O divórcio é doloroso. O ressentimento acenou. Ela o afastou. Isso é passado e foi superado. Não tenho nada o que fazer aqui.

Desceu as escadas e decidiu continuar a inspeção. Mantendo o padrão adotado no piso superior, dirigiu-se para o lado esquerdo de quem entra no imóvel. Uma porta estava posicionada quase no meio da sala. Passando por ela, descobriu um corredor estreito que levava a um enorme banheiro, melhor seria dizer, um salão de banho. Sempre sonhara com um banheiro gigante, desses que tem até onde sentar-se. E lá estava no cantinho oposto à banheira, a espreguiçadeira. Lembrou-se de anos compartilhando banheiros, ora com a mãe, ora com o marido, ora com a filha. Lembrou-se da época que não tinha nem banheiro. Daí, quando conseguiu um exclusivo, ele era um cubículo, sequer cabe um banquinho. Não quero acordar.

Já de saída, depois de suspirar em cada canto de seu spa, abriu um armarinho para estragar o sonho. Nele eram guardados todos os remédios tomados na vida e os que pretende tomar, como o suplemento em cápsulas recomendado pelo ex-marido para a falta de memória, o qual ainda nem teve tempo de comprar. Lembrou-se da última conversa que tiveram. Contou-lhe não estar conseguindo recordar de uma pessoa que ligara procurando por ela outro dia. Perguntou se ele sabia quem era, talvez fosse um amigo antigo deles. O ex-marido disse que, com certeza, não conhecia ninguém com aquele nome e estranhou o esquecimento dela. Ele sempre invejara sua memória. Ela chegou a lhe falar da técnica do palácio mental, quando ele era estudante, mas ele a ignorou. Veja só o resultado. Meu palácio é um luxo e você não tem nem um casebre.

Enfim deixou o banheiro, ansiosa por outro espaço exuberante. Enganou-se, a porta ao lado era a área de serviço. Nem em sonho esse local é interessante, parece que somente existe para nos lembrar das roupas a lavar e passar. Fechou e seguiu à esquerda. Estava rumando ao terreno minado agora, o fundo do palacete. Abriu a porta com cuidado e viu a cozinha. Ela não podia mesmo estar virada para o sol. Detesto cozinhar. A chuva torrencial do lado de fora das janelas deixava deprimente a vista das panelas sujas amontoadas na pia. Fora desta o caos reinava entre louças e talheres espalhados por bancadas, armários com portas abertas, restos de comida para limpar e mantimentos ensacados pelo chão. Decidiu. Nem vou entrar aí.

Sobrou a grande porta ao lado direito de quem entra no palácio. Era a sala de jantar, um pouco menor do que o salão de entrada, adornada com um grande lustre de cristal em formato de candelabro e com uma enorme mesa com todas as cadeiras no melhor estilo Luiz XV que Carmem já cobiçou na vida. Eu vou ter que comprar uma cadeira dessas antes de morrer, isso está com cara de obsessão. A sala de jantar ficava de frente para um colorido jardim, semicirculado por um labirinto de cercas-vivas. Entendeu que era preciso se arriscar mais se quisesse chegar ao fim do sonho e entrou no labirinto. Por seu conhecimento geral, sabia que a melhor forma de se guiar num lugar desses é nunca tirar a mão da parede. Escolheu a mão direita e lá foi ziguezagueando apressadamente, ora debaixo do céu ensolarado, ora caminhando no escuro debaixo de chuva, até desembocar no meio de uma clareira diante de um chafariz, com uma estátua em cima.

A menina congelada em pleno movimento sobre o chafariz, saltava alegremente. Sua cabeça inclinada para o alto, sorria mostrando os dentes. O cabelo foi paralisado como se estivesse ao

vento, tal qual seu vestido simples, semelhante a uma camiseta comprida, que ora definia o corpo feminino ora escondia seus contornos. Chegou mais perto. Queria muito se lembrar de onde tirou aquele chafariz. Será que só imaginei ele, como fiz com o espelho? Essa menina parece comigo, mas não sou eu, nem minha filha. Por fim chegou à beira, a água era limpa, e ali, nos pés da moça, viu submersa uma chave. Minha saída! Pegou-a e correu de volta pelo mesmo caminho que percorrera antes, bastou manter dessa vez a mão esquerda em contato com a cerca-viva. Chegou sem fôlego e ensopada no jardim, descansou por segundos e continuou com pressa, seguindo a passos largos pela sala de jantar, atravessando o salão, subindo a escada, acessando o corredor, até, enfim, esbaforida, estar em frente à porta trancada.

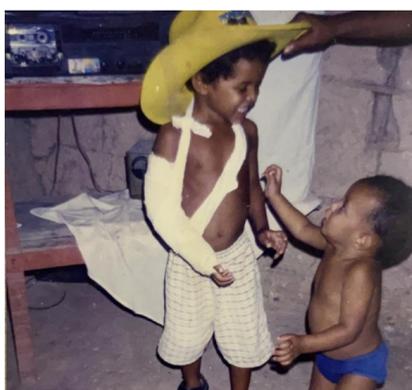
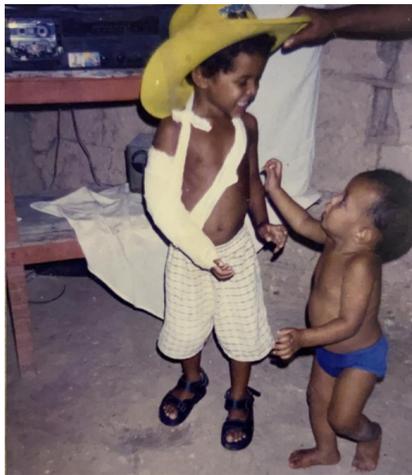
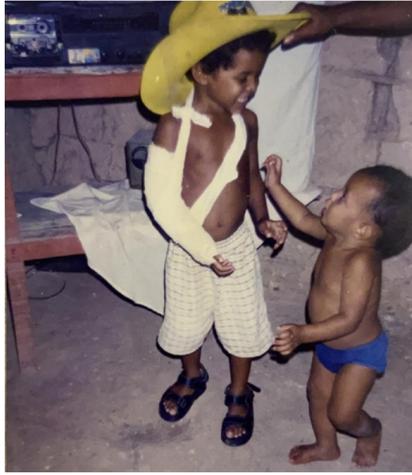
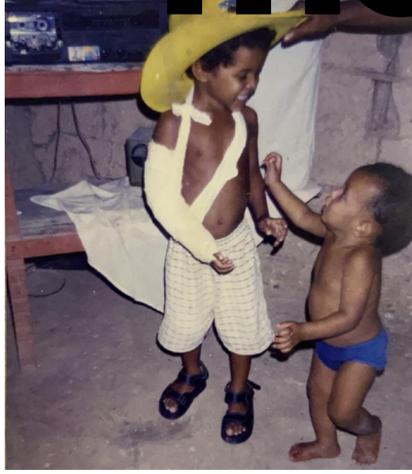
Desesperada tentou encaixar a chave na fechadura, tremeu tanto que não acertou de primeira o buraco. Achou por bem controlar aqueles batimentos cardíacos antes de entrar. Eu quero acordar, não enfartar. Esperou respirar com mais tranquilidade e virou a chave. Era ela. Agitou-se novamente seu coração. Girou a maçaneta e abriu uma frestinha mínima da porta. Parou um instante, ouvia sua respiração ofegante, mais nada. O quarto está escuro. Resolveu abrir a porta de um só golpe. O que é isso? Deu dois passos para dentro devagar. A chuva tinha parado, mas ainda era noite daquele lado do palácio. Começou a discernir no espaço um bolicho.

Na parede lateral havia duas prateleiras. A de cima com garrafas de aguardente. Nas embaixo tudo quanto é coisa, doces, fumo de corda, limões, cigarro, farinha. Carmem foi se aproximando do balcão no meio do cômodo com uma balança e um grande baleiro cheio de bala de menta. À frente dele três bancos. Exausta sentou num deles, apoiando-se no móvel. Nada lhe passava pela cabeça. Era um bolicho comum da sua cidade de origem. De onde estava olhava a porta escancarada iluminada pela luz do corredor e seu rastro molhado. Essa luz alcançava alguns pontos do ambiente, e perto de sua mão viu as letras riscadas na madeira, JM. Viu-as de novo, e mais uma vez, depois outra. Elas estavam por todo lugar. JM, JM, JM. José Maria? No quarto ao lado também tinha um MJ. Maria José. Como se uma chave tivesse virado em sua cabeça com o simples pronunciar desse nome. Esse estalo desencadeou uma nova onda de adrenalina pelo seu corpo. Correu para o fim do corredor onde pôde ver novamente o labirinto e o chafariz. Embora distante, conseguiu distinguir a menina que olhava agora em sua direção. Minha irmã.

Acordou.

# memórias

LUCIANO COSTA



Para Platão existem dois mundos: o mundo das ideias e o mundo sensível; os objetos que vemos no mundo imanente, nada mais são que repetição do mundo transcendente. Ou seja, a ideia de um objeto, como uma cadeira, precede a própria existência da cadeira; antes da existência da cadeira enquanto tal, já existia sua ideia.

A existência humana também pode ser entendida a partir desses dois mundos: o corpo como participante do mundo sensível e alma participante do mundo das ideias. A alma separada do corpo, residia no mundo das ideias, e, portanto conhecia todas as formas dos objetos, na passagem do mundo das ideias para o mundo sensível, a alma humana esquece de toda a sua sabedoria, é necessário relembrar, uma vez que, conhecer, significa uma retomada ao mundo das ideias. Uma maneira de fazer isso é regredir as suas experiências de vida em ideias através da rememoração.

Machado de Assis, no romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas” faz algo semelhante ao que foi dito acima, o romance é todo com base em rememoração de um morto, “o defunto autor”, como já não reside entre os vivos, Cubas, conta sua história sem escrúpulos ou censura ética e moral. O que está em jogo é a memória.

Eric Voegelin, filósofo alemão no livro “Anamnese”, a fim de discordar da teoria da consciência de Edmund Husserl, no tocante fato que para Husserl a consciência surge da relação de sujeito e objeto, e afirma que a consciência é a percepção sensível de objetos do mundo exterior e, que por isso ela é intencional, intencional no sentido do sujeito querer conhecer algo.

Diferentemente de Husserl, Voegelin acredita que a consciência surge não apenas através da relação sujeito e objeto, mas com a participação do sujeito na realidade, e essa consciência se forma a partir do momento em que ela aceita não apenas a presença do objeto, mais a sua própria presença ao objeto, uma vez que isso acontecesse se está diante da presença total do ser. A consciência então, é a participação num processo que é auto-elucidativo, e por isso a experiência é por sua própria natureza auto-interpretativa.

No livro Anamnese, (pode ser entendido como reminiscência ou rememoração no sentido de Platão), Voegelin vai investigar quais eram, de fato as experiências formadoras da consciência de um homem, ele faz isso através do que ele conceitua como anamnese, isto é, como uma rememoração de experiências decisivas de sua infância, onde ele descreve experiências remotas que o ajudou a definir a maneira como se relaciona com realidade. o filósofo faz um esboço dessas experiências de outrora, e sua relação com a constituição da consciência, diz ele:

Os fenômenos descritos eram definitivamente fenômenos da consciência, pois descreviam minha consciência, durante a infância, de diversas áreas da realidade. Essas experiências tinham muito pouco a ver com objetos apreensíveis pelos sentidos. Uma delas foi a história do Monge de Heisterbach. [...] O Monge de Heisterbach era um mítico que se perdera, apenas para retornar depois de mil anos e descobrir que, para ele, esse milênio transcorreria um só dia. Essas compreensões e abreviações do tempo, embora não seja experiências sensíveis, constituem parte importante de minha consciência, se não dá de Husserl. [...] A consciência é feita de experiências desse tipo. Essas experiências de participação em diversas áreas da realidade são o horizonte da nossa existência no mundo. O que deve ser sublinhado são as experiências (no plural) da realidade, a abertura do homem a todas elas e seu esforço de mantê-las em equilíbrio (VOEGELIN, 2007b, p. 112- 113).

A ideia de escrever sobre memória foi inspirada nesses pensadores, no entanto, não precisa ter os mesmos objetivos, podemos ressignificar e escrever memórias que foram importantes, ou causos engraçados, ou até tentar rememorar experiências que se mostram de forma neblinada.

# A questão

Uma questão me acompanhou durante muito tempo da minha vida, a qual só foi respondida poucos anos atrás. Eu sempre questionava minha mãe, meu pai, meus tios e meus avós a respeito. No entanto, todos recusavam-se a respondê-la.

O fato é que fazia parte de minha memória um lugar que eu gostava e que foi perdido, não como no caso de Adão que perdeu o paraíso por desobedecer a Deus, mas por um caso de vida ou morte.

O lugar não era o paraíso de Adão, era parecido: tinha árvores agradáveis à vista, e frutos para comer, também tinha animais e rios. Quando batia saudade me pegava lendo a Canção do Exílio de Gonçalves Dias, quando não, era o Regresso à Pátria de Oswald de Andrade:

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá;

Os passarinhos daqui

Não cantam como os de lá.

# O gato

Não está claro, mas lembro que tínhamos um gato-do-mato que meu avô achou enquanto caçava. Parecia uma onça, só que do tamanho de um gato doméstico. Tinha umas pintinhas pretas e o fundo era amarelado. Ele andava por toda a região, mas sempre voltava para casa. Certo dia, ele não voltou. Lembro de meu avô dizendo que o vizinho matou o gato, com a justificativa de que ele estava comendo suas galinhas. Meu avô indignado com vizinho, dizia que era mentira, o gato não comia galinha.

# O tucano

Estávamos meu pai e meu tio a mirar num tucano que encontrava-se pousado no olho do pé de pau, a mata era fechada, quase não dava para ver o tucano entre as folhas, confesso que demorei para vê-lo. Meu tio tirou a espingarda das costas e apontou para o tucano e disse:

- Manel, tá muito longe acho que não vou conseguir,

Meu pai falou:

- Consegue sim!

- Atira tu, que é melhor que eu - disse meu tio.

O pai pegou a 20, com um olho fechado e o outro aberto mirou, e atirou no rumo do tucano.

Lembro que queria comer também, mas meu pai matou para o meu tio.

Meu pai dizia que a espingarda calibre 20 era muito boa para caçar, isso porque o tiro não espalhava, mesmo que a presa estivesse longe.

# A cicatriz

Tenho uma cicatriz no rosto, do lado do nariz, embaixo do olho que foi feita por um galo, o caso é o seguinte: do lado da entrada do barraco da minha vó tinha um fogareiro a lenha, creio que o galo costumava subir em cima, não sei, mas o fato é que fui entrar no barraco, o galo que estava em cima do fogareiro se assustou pulou na minha cara e esporou o meu rosto, ainda bem que não pegou no olho.

# O chapéu

Meu vô tinha um chapéu amarelo de cowboy que eu adorava, meu primo também gostava, não tirávamos da cabeça, era uma briga só pelo chapéu. Não sei como aconteceu, mas o chapéu sumiu, ninguém sabia informar seu paradeiro. Pensando bem, acho que alguém deixou cair dentro do rio enquanto banhava e a correnteza levou para longe, pois num belo dia de sol, meu vô chega da pesca com o chapéu, ele disse que encontrou o chapéu enroscado em uns galhos secos caído sobre o rio. O chapéu já não era amarelo, porque estava todo encardido.

# O pintinho

Minha mãe e meu pai contam que minha mãe tinha um pintinho que para onde minha mãe ia o pintinho ia também, o bicho era como uma cadela de madame, é claro, que ao invés de um Pinscher era um pinto. A porta de da casa da minha vó fechava muito rápido, para deixar aberta era necessário colocar um encosto, maninha diz que quando ela saiu a porta fechou bem rápido e o pintinho que vinha atrás foi levado contra a parede. O nome do pinto era Piriche. O apelido da minha irmã é Pine. No entanto, minha mãe nega, segundo meu pai, o apelido Pine foi dado em homenagem ao Piriche: Pine, Piriche.

# O braço

Na cidade, na casa de minha vó, o quintal era cheio de pé de manga, de acerola, de coco de goiaba e outros. Minha mãe e minha vó estavam sentadas no banco conversando, enquanto eu estava brincando num pé de corante, aliás, a mãe fala que era num pé de goiaba, na minha cabeça era um pé de corante. No pé de corante ou de goiaba não sei, eu subia na gaia, segurava com as duas mãos e ficava me balançando, quando cansava esperava o ganho tencionar perto do chão para descer. Minha mãe e minha vó diziam:

— Menino, tu vai cair daí e se machucar!

Eu retrucava:

— Vou não.

Teve uma hora que eu soltei o galho e tava muito alto. Caí em cima do meu braço e acabou quebrando. O que doeu nem foi o braço quebrado, mas minha vó dizendo:

— Eu avisei.

## Resposta

Quando se vive por muito tempo em um lugar, esse lugar começa a fazer parte de você, pois, foi nele que nasceu a sua consciência e, quando se vai embora é como se houvesse um desmembramento de uma parte de você. O que me angustiou por muito tempo foi não saber o motivo dessa separação. Angústia, no sentido de não poder dar significado ao fato. Essa angústia foi cessada em uma tarde de um domingo qualquer - meu pai resolveu, enfim, dizer.

O lugar onde foi desenvolvida boa parte da minha consciência, na verdade não tinha dono, a terra era dos sem terras, as famílias que ali residiam, viviam na esperança do governo legalizar sua existência. Como a vinda iminente do Estado não ocorreu, o fazendeiro, dono de muitas terras, logo apareceu, não para salvar, mas para destruir o que foi construído durante anos por diversas famílias.

Conta meu pai que três homens armados desceram do carro dando tiro para tudo quanto é lado, todas as famílias que ali residiam já sabia que isso iria acontecer, pois, dois dos sertanejos que estavam na cidade, ouviram o boato de que o fazendeiro iria invadir as terras. Quando os jagunços chegaram, todos estavam preparados; as crianças e as mulheres esconderam-se bem longe do conflito e os trabalhadores, incluindo meu pai, meu vó e tios, ficaram de tocaia na mata. E a polícia? Avisaram, mas ela não quis se envolver. Ela tinha medo do fazendeiro, que era uma espécie de imperador, e assim como num império, todas as terras ao redor logo seriam conquistadas.

Um dos pistoleiros, caminhava em direção a meu vô, que estava escondido, diz meu pai que ele deve ter pensado:

—Vixe, me viu, vou já morrer!

O véio apontou a arma em direção ao inimigo e sentou o dedo no gatilho. O pai conta que a espingarda calibre 20, tiro único de cano longo, era muito boa para caçar, o animal podia estar a distância que fosse, os chumbos não se dispensavam.

Meu vô atirou e saiu nas carreiras, o jagunço caiu no chão com um tiro na testa, os outros dois jogaram o corpo na carroceria do carro e meteram o pé. Na verdade, o jagunço não era só jagunço, era filho do imperador.

Os lavradores procuraram um advogado, ele disse que agiram em legítima defesa, no entanto, não quiseram arriscar, todos que ali moravam foram embora.

A última lembrança que tenho do lugar, é de uma ponte de barro que fizeram sobre o rio, que fez com que correnteza parasse e a água que era clara ficasse escura.



**Esta é uma coletânea de contos feita pelos alunos e alunas do curso de Escrita Criativa, do segundo semestre de 2021, realizado pelo programa de extensão do IL, na Universidade Federal de Mato Grosso.**

